

Cursos de mestrado profissional surgem como alternativas voltadas para o mercado de trabalho

Criada em 1998 pela portaria nº 80 da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a modalidade de mestrado profissional ganhou novo fôlego há dois anos, quando sua regulamentação foi publicada pelo Ministério da Educação em Diário Oficial.

A portaria normativa nº 7, de 23 de junho de 2009, estabeleceu critérios e normas para a implantação dos cursos de pós-graduação *strictu sensu* nessa modalidade, voltada para o mercado de trabalho, que exige cada vez mais profissionais especializados em suas áreas.

As características enumeradas pela portaria tornam o mestrado profissional mais flexível, com tempo de formação mais curto, possibilidade de profissionais de experiência reconhecida integrarem o corpo docente sem a titulação de mestres ou doutores e trabalhos de conclusão de curso que incluem projetos práticos.

A portaria deixa claro que a titulação de mestrado profissional tem igual valor à de mestrado acadêmico. Instituições de todo o país têm sido estimuladas a criar cursos de pós-graduação na modalidade profissional.

A UERJ mantém cursos desse tipo em duas unidades: a Faculdade de Engenharia e o Instituto de Medicina Social.

O Departamento de Engenharia Sanitária e do Meio Ambiental criou, há dez anos, o mestrado profissional em Engenharia Ambiental, que possui quatro linhas de pesquisa: Gestão Sustentável de Recursos Hídricos, Controle de Efluentes Líquidos e Emissões Atmosféricas, Tratamento e Destino



A professora Luciene Pimentel da Silva coordena o mestrado profissional em Engenharia Ambiental

Final de Resíduos Sólidos e Saúde Ambiental e do Trabalho. “Fomos o primeiro mestrado profissional no Rio de Janeiro”, diz a professora Luciene Pimentel da Silva, coordenadora adjunta do curso.

A coordenadora explica que a estrutura do curso recebe um público amplo de engenheiros, geógrafos, arquitetos, biólogos, geólogos, matemáticos, físicos e gestores. “A prioridade são profissionais já inseridos no mercado de trabalho, mas temos uma cota de vagas para recém-formados”, aponta Luciene.

No IMS, os cursos de mestrado profissional criados há dois anos têm uma estrutura diferente. As turmas são formadas por demanda, sempre em parceria com algum órgão ou instituição pública ou privada que solicita o curso que pode ser ministrado na UERJ ou até em outras cidades do Brasil. “O curso será direcionado para atender às necessidades dessa instituição”, de-

clara o professor Cid Manso de Mello Vianna, diretor do Instituto e coordenador do mestrado profissional.

O IMS oferece os mestrados profissionais de Gestão em Saúde (com áreas de concentração em Sistema de Saúde, Tecnologia de Saúde e Integralidade dos Saberes e Práticas de Saúde) e Epidemiologia (com área de concentração em Vigilância em Saúde). Está sendo criado um novo curso: o de Metodologia, Pesquisa de Gênero, Sexualidade e Saúde.

Para o coordenador, mais importante do que apontar as diferenças entre os mestrados profissional e acadêmico, é sublinhar as semelhanças. “A exigência nas duas modalidades é a mesma e a titulação em ambas possui o mesmo reconhecimento em todo o país”, afirma Vianna.

Outras informações sobre os cursos de mestrado profissional da UERJ nos sites (<http://www.peamb.eng.uerj.br>) e (<http://www.ims.uerj.br>).

Gatos do *campus* Maracanã recebem cuidados e carinho de grupo voluntário de servidores

Quem anda pelo entorno do Pavilhão João Lyra Filho, no *campus* Maracanã, já se deparou pelo menos uma vez com um gato de cor bege, que costuma passear pelos jardins ao redor do lago com ponte de madeira quando não está dormindo em sua caixa de papelão, colocada em frente a esse mesmo jardim. O gato, ou melhor, a gata, se chama Siamesa e é apenas mais um felino entre cerca de outros 30 que vivem livremente – porém de forma controlada e organizada – dentro do *campus*.

O motivo do controle e da organização se deve a um grupo de cinco pessoas que desde 1999 cuida de gatos abandonados. O grupo, que não tem fins lucrativos e não mantém vínculos oficiais com a UERJ, há alguns anos recebeu o apelido de “Bigodinhos Carentes” de uma amiga em comum e resolveu manter o nome até hoje. Todos se dividem em escalas para alimentação e cuidados diários com os bichanos, incluindo os fins de semana.

Eliene Narducci, servidora do setor administrativo do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp – UERJ) desde 1995 e uma das criadoras do “Bigodinhos”, conta como funciona o controle dos gatos no *campus*. “Mantemos aqui os animais que foram abandonados e que de alguma forma chegaram até nós. Enquanto eles não são adotados por ninguém, são alimentados por membros do grupo todos os dias e também levados ao veterinário quando é preciso. Aqui não é depósito de animais.”

Para garantir que a população de felinos não se prolifere, o grupo castra todos os gatos na Suipa (Sociedade União Internacional Protetora dos Animais). O procedimento, que é oferecido gratuitamente pela instituição, envolve a utilização de uma sala desativada do setor de limpeza. A sala serve como um espaço pré e pós-operatório, principalmente para as fêmeas. “O setor de lim-



Eliene Narducci segura Siamesa, uma entre vários gatos que vivem no campus Maracanã

peza tinha duas salas e só precisava usar uma. Então, eu fui falar com o prefeito do *campus* e ele nos cedeu o espaço. Os machos só têm que ficar em observação durante algumas horas, mas as fêmeas precisam de dez dias para se recuperar da cirurgia de castração”, relata Eliene.

Procurada pela equipe, a prefeitura dos *campi* também aborda o assunto. “Na ocasião, era necessário organizar essa situação dos gatos no *campus*. Foi estabelecido que eles ficariam ali provisoriamente”, declara Carjan Freitas, assessor do prefeito Ivair Lopes

Machado, referindo-se à sala onde os gatos são temporariamente alojados.

Lilian Paixão, auxiliar de gabinete da Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento, é outro membro do grupo. Ela comenta o funcionamento do processo de adoção dos gatos do *campus*. “Levamos os filhotes a várias *pet shops* para adoção, mas algumas delas exigem que eles sejam peludos, clarinhos e de olhos azuis, o que muitas vezes não corresponde à realidade dos nossos gatos.” Lilian revela também, com certa hesitação, manter seis cachorros e 17 gatos em seu apartamento. “É muito amor aos animais.”

Além de Lilian e Eliene, também fazem parte do grupo “Bigodinhos Carentes” Raquel Oliveira, aluna de graduação em Letras; Jovino Borret, servidor da Diretoria de Informática; e Jeanne Barros, do Departamento de Análise Matemática. O grupo promove adoções e aceita doações em geral, principalmente de ração e remédios. Quem quiser ajudar, basta entrar em contato pelo e-mail de Eliene: (enarducci2@yahoo.com.br).



Helio Pedro Amaral Souto Diretor pro tempore do Instituto Politécnico do Rio de Janeiro

“Não pretendemos abandonar nosso *campus* em Friburgo”

O diretor pro tempore Hélio Pedro de Amaral Souto acompanhou de perto a história do Instituto Politécnico do Rio de Janeiro (IPRJ), em Nova Friburgo, desde sua incorporação à UERJ em 1993, ano em que também chegou à instituição como bolsista e tornou-se, no ano seguinte, professor adjunto. Em 2011, enfrenta o desafio de retomar as atividades acadêmicas após o desastre natural provocado pelas chuvas em Nova Friburgo no mês de janeiro.

Nova Friburgo passou por um desastre em janeiro. Como o Instituto foi atingido?

A cidade ainda está passando por um período muito difícil. O nosso problema do IPRJ é o acesso. Tivemos parte de nossas instalações atingidas. Um laboratório parcialmente destruído (de Metrologia) e um segundo laboratório totalmente destruído (de Tecnologia de Polímero). Algumas casas moradias de alunos de pós-graduação e professores visitantes também foram atingidas. Tivemos algumas ruas internas com

acessos bloqueados por desmoronamento de terras. Seis pessoas ficaram soterradas, mas todas foram resgatadas pelos próprios alunos, moradores, funcionários do *campus*.

E qual é a situação atual do campus?

Atualmente as atividades lá em cima estão suspensas. Temos até um acesso alternativo, mas nenhuma obra de contenção foi realizada ainda nas partes mais gravemente atingidas. E não tem previsão para serem feitas, que eu saiba. Por isso nossas atividades lá em cima estão suspensas, embora a gente tenha o acesso alternativo, por questões de segurança.

E qual foi a solução encontrada?

Optou-se por procurar novos locais para iniciar as atividades. Encontramos o Complexo Industrial Filó S.A. Triumph Internacional, que era uma fábrica antiga. Eles têm vários prédios. Propuseram dois prédios, o cinco e o sete, de três andares. O contrato foi assinado com opção de compra, e passou

a vigorar a partir de 1º de maio. Já foram iniciadas as obras de adequação e adaptação. Pretendemos que esses prédios sejam nossa expansão de *campus*.

Qual é a previsão de término dessas obras?

A previsão é até julho. Como não é nossa pretensão abandonar nosso *campus*, vamos descer quase tudo, mas não tudo. No futuro queremos até retomar as atividades lá em cima.

As aulas reiniciaram em maio, com salas alugadas de outra instituição. Por quê?

Esses locais foram encontrados até com rapidez, acertou-se as bases desse contrato semana antes do carnaval. Mas efetivamente esse contrato só foi assinado em maio. A nossa previsão inicial otimista era de que daria tempo de nós alugarmos, realizarmos as obras e começarmos as aulas. Quando vimos que o tempo já havia passado, pensamos em alternativas. O diretor local da Estácio de Sá já havia nos dito que tinha disponibilidade de espaço. Iniciamos uma negociação, alugamos parte do *campus* para que pudéssemos iniciar o período letivo, com aulas, mas sem os laboratórios instalados.

A calamidade gerou grande mobilização social. Como tem sido o envolvimento da comunidade acadêmica do IPRJ na recuperação da cidade?

No instante inicial, vários professores e alunos trabalharam como voluntários. Nós mesmos participamos do auxílio aos feridos e às pessoas que moravam no *campus*, que contou também com a colaboração dos nossos funcionários e vizinhos. A UERJ participa também de alguns fóruns e conselhos na cidade. Nosso envolvimento atual é com essa nossa participação.



Programa Espaço Servidor da UERJ contribui para recuperação de servidores com problemas psíquicos

O Programa Espaço Servidor da UERJ (Pesuerj) atende gratuitamente profissionais de todos os setores da Universidade há 14 anos. O Pesuerj, que faz parte da Unidade Docente Assistencial do setor de psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (Hupe), funciona em uma espécie de vila de casas, situada ao fundo do hospital.

Um dos criadores do Pesuerj, o professor Paulo Roberto Chaves Pavão, chefe do serviço de psiquiatria do Hupe, conta como surgiu o projeto. “Pude constatar que muitos servidores vinham tendo problemas psiquiátricos. Alguns chegavam até mim com crise de depressão ou encaminhados pela chefia. Grande parte vinha escondida, com medo de ter procurado atendimento psiquiátrico, e outros também buscavam apenas uma licença do trabalho. Diante desse quadro, nós criamos o Pesuerj. Ele é voltado única e exclusivamente para atender ao servidor da UERJ, qualquer que seja a sua categoria, que tenha algum tipo de sofrimento psíquico.”

Perciliana Rodrigues, assistente social e coordenadora do programa desde 2009, explica como atuam os profissionais envolvidos no atendimento aos pacientes e como ele é feito. “Nossa perspectiva é fazer um atendimento interdisciplinar. Temos profissionais do serviço social, um grupo de psicólogas, médicos psiquiatras e enfermeiros. Existe um trabalho de equipe para cuidar do servidor, que pode vir aqui espontaneamente ou encaminhado. O plano de tratamento é individual e o número de vezes que o paciente vai precisar vir aqui depende de cada caso. Existem pessoas que permanecem alguns anos e outras que passam dois ou três meses e vão embora.”



O psiquiatra Paulo Roberto Chaves Pavão, chefe do serviço de psiquiatria do Hupe e um dos criadores do Pesuerj, e a assistente social Perciliana Rodrigues, coordenadora do programa desde 2009

Perciliana aponta também um crescimento significativo na utilização do programa. “O nosso levantamento anual registrou cerca de 250 servidores em acompanhamento regular em 2010. Nos últimos quatro anos, houve um aumento de 120% nos casos de procura e assistência do programa. Eu acredito que isso esteja acontecendo porque as pessoas estão mais cientes da existência do Pesuerj e também mais conscientes da necessidade de se procurar ajuda.”

Servidor da UERJ há 28 anos, um paciente do programa conta como tem sido a sua experiência. “Estou fazendo o tratamento há um ano e três meses

e estou adorando. Tempos atrás eu me envolvi com os jogos de caça-níquel e fiquei viciado. Cheguei a comprometer todo o meu salário e pedi dinheiro inclusive a um agiota. Hoje estou tomando um remédio receitado pelo psiquiatra e também faço sessões de psicoterapia. Posso dizer que o Pesuerj salvou a minha vida”, diz o servidor de 48 anos que pediu para não ser identificado.

O Pesuerj funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. Quem desejar utilizar os serviços do programa deve ligar para a secretaria do ambulatório pelo telefone 2868-8612 ou enviar um e-mail para (saudentaletrabalho@gmail.com).



Reitor: Ricardo Vieira Vice-reitora: Christina Maioli
 Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira Coordenação de Publicações: Carlos Moreno Reportagem: Alessandro Paciello e Ana Carina Santos: Tadeu Goulart e Thaís Gomes Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e editoração: Rafael Bezerra • Tiragem: 2.000 exemplares Impressão: Gráfica UERJ • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

